



ST 01. AS CIDADES E OS USOS DO PASSADO DIÁLOGOS COM A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS

18

MEMÓRIAS SOBRE A EDUCAÇÃO CAMPINENSE: A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE NAS DÉCADAS DE 1950-60

Nita Keoma Lustosa de Sousa¹

Resumo: A partir da premissa que os estudos sobre Cidades possibilitam aos pesquisadores de História Cultural, discutindo através de diversos segmentos, como os sujeitos se relacionam com a cidade e como constitui cultura e representações através de suas práticas de saber-fazer, dando sentidos e significados aos espaços e símbolos, construindo cotidianamente suas memórias e identidades, o presente artigo tem como objetivo discutir como é possível, através da História Oral, imagens fotográficas e literatura temática, reconstituir uma história sobre a educação e as práticas de ensino na cidade de Campina Grande-PB, através dos relatos orais de memória de professores que estudaram ou lecionaram no colégio Estadual de Campina Grande –Estadual da Prata-nas décadas de 1950-60.

Palavras-chave: Cidades. Memórias. Educação.

INTRODUÇÃO

Segundo José D' Assunção Barros (2012, p. 21), mesmo que a cidade não seja o maior artefato produzido pelo homem, é sem dúvida, a mais grandiosamente impactante, e pode ser apreendido pelo olhar do observador. Esse olhar pode ser lançado não somente para o espaço físico que o homem modificou e construiu em edifícios e monumentos, suas expressões. O autor nos lembra de que os homens ao construir uma cidade, já interferem no seu destino, valendo-se de suas próprias imagens para a construção da mesma.

Assim como Foucault nos diz que o corpo é um documento, e nele são expressos valores e paradigmas sociais, construído socialmente através da relação de saber-poder, a cidade pode ser compreendida também como um documento, ou como sugere Barros a cidade pode ser lida como um texto, na qual cientistas sociais buscam nas suas

¹ Universidade Federal de Campina Grande-UFCG. E-mail: nitakeomals@hotmail.com

complexidades, paradoxos e disparidades, expressões dos sujeitos que se organizam em grupos sociais em prol de seus interesses.

...uma cidade fala eloquentemente dos critérios de segregação presentes em sua sociedade através dos múltiplos compartimentos em que se divide, dos seus acessos e interditos, da materialização do preconceito e da hierarquia social em espaço. Sua paisagem ala de sua tecnologia, de sua produção material; seus monumentos e seus pontos simbólicos falam da vida metal dos que nela habitam e daqueles que a visitam; seus caminhos e seu trânsito falam das mais diversas atividades que no seu interior se produzem; seus mendigos falam da distribuição de sua riqueza ao estender a mão em busca de esmolas. Cada um destes índices remete às letras de um alfabeto que pode ser pacientemente decifrado pelos sociólogos, pelos historiadores, pelos urbanistas. (2012, p. 40-41)

Essas letras do alfabeto possibilitam que os historiadores possam refletir sobre como os sujeitos sociais se organizam, como constroem a sua cultura, salientando que o próprio artefato cidade é uma construção cultural, como, a partir de suas práticas e representações, os sujeitos criam significados, identidades e movimentam a cidade.

Ao analisar o fator cultura de uma cidade, Barros analisa como as organizações sociais dão surgimento as instituições, e estas, através da cultura escrita, registrando as operações e atividades, criam mecanismos de controle. Além de despertar na sociedade a necessidade de ensinar os sujeitos, ou cidadãos como o autor cita, uma série de ofícios especializados, fazendo da cidade um “lugar de ensino”. (2012, p. 83)

Compreendendo o ato de ensinar e aprender como uma prática cultural, e tal relação constitui um processo de educação que cada cidade desenvolve de forma específica, considerando seu contexto histórico e social, e a sua própria representação sobre a educação.

A educação constitui uma das letras do alfabeto que compõe o texto de uma cidade, é importante na compreensão de como os sujeitos se organizam socialmente. Analisando o papel da educação nesse processo de organização, entendendo que a educação se faz presente em todas as esferas sociais e que os sujeitos estão sempre dispostos a educação, sejam com as instituições educacionais, religiosa e familiar ou nas relações com os indivíduos, espaços físicos, com a cultura material e imaterial, “da educação ninguém escapa”, já afirmava Carlos Rodrigues Brandão².

Partindo do raciocínio de Brandão, analisar como se dá o processo de educação nas cidades se torna importante para a compreensão de como os sujeitos se articulam e se organizam socialmente. Segundo Veiga e Fonseca (2008, p. 8),

...investigar os processos do aprender é fundamental para ampliarmos a compreensão das formas de como em tempo e espaços distintos, homens e mulheres organizaram suas vidas, seus fazeres e suas ideias, enfim, seu modo de fazer e estar no mundo.

Partindo dessa premissa, o presente artigo pretende analisar como era o processo de educação escolar na cidade de Campina Grande-PB, nas décadas de 1950-60, a partir

² (BRANDÃO *apud* VEIGA. 2008, p, 16)

dos relatos orais de memórias de professores que estudaram ou lecionaram no Colégio Estadual de Campina Grande -ou como é popularmente conhecido, Estadual da Prata- neste período.

A escolha da História Oral para a execução desse trabalho se dá pelo fato de que através dos relatos coletados em entrevistas com professores que conhecem o sistema educacional, além de terem experiências distintas com a educação, seja como aluno ou como professor, possa nos passar informações que outros grupos de entrevistados possivelmente não tivessem construído em suas memórias, por não terem afinidades com o tema ou por não ter um conhecimento técnico e teórico sobre o sistema educacional.

RECONSTRUINDO A CIDADE ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS

Nas relações sociais o ensinar e aprender acontece de forma subjetiva, diferentemente da educação dentro da instituição de ensino, embasado em teorias, e práticas comuns na qual o papel de ensinar e de aprender é o seu principal ofício.

Através dos relatos de professores, é possível reconstituir como era a educação escolar de uma cidade em determinada época, como os professores construam suas práticas de ensinar, como eram o processo de aprendizagem do alunado, como os colégios se estruturavam e como se dava a relação entre o aluno e professor dentro e fora da sala de aula.

A escolha de entrevistar professores teve algum vínculo com o Colégio Estadual de Campina partiu de uma pesquisa sobre a história do Colégio, que tem para a história da cidade importante representatividade por ser a primeira escola secundarista pública da cidade, fundada em uma época em que a elite intelectual campinense idealizava a fundação de uma Escola Superior na cidade.

O Estadual de Campina Grande foi de muita importância para a fundação da escola superior Politécnica da Paraíba em Campina Grande, seus alunos estagiavam no Colégio Estadual, além de inicialmente a escola Politécnica ter funcionado no prédio do Colégio Estadual, como nos relata Fernando Azevedo (Professor Badu)³,

...a universidade funcionava dentro do Estadual, no espaço físico do Estadual. Porque tinha trinta turmas lá, trinta salas de aula e só tinha oito turmas lá. Oito de manhã, oito à tarde e oito à noite⁴.

Devido ao número pequeno de turmas do ensino secundário, e o enorme espaço que o Colégio Estadual tinha, a maioria das salas ficavam “ociosas” como relata o professor Fernando Azevedo, então as primeiras turmas da escola Politécnica ocupavam essas salas até a entrega do prédio que hoje funciona a Universidade Federal de Campina Grande, que teve a Escola Politécnica como o primeiro curso.

Com a História Oral é possível reconstituir a história do Colégio, a partir das representações e experiências individuais de cada professor no Estadual de Campina

³ Fernando Azevedo, ex-aluno, ex-professor e vice diretor do Colégio Estadual da Prata.

⁴ Entrevista cedida em 29 de setembro de 2013.

Grande, mas reconstituir também a história da educação da cidade, tendo em vista que o colégio não está isolado, centrado na sua própria história, sua história faz parte de um contexto que era comum às outras escolas da cidade, embora o Estadual de Campina Grande tenha suas especificidades, assim como as demais escolas.

Os professores e alunos do Estadual, no seu cotidiano, interagem e movimentavam a cidade, através das suas relações sociais e com os espaços físicos da cidade. Em suas memórias trazem lembranças que ocorreram no cenário político, dos eventos sociais, da repercussão de um acontecimento na cidade, trazem lembranças de outros sujeitos que também contribuía nessa movimentação. Como nos diz Valeska Fortes de Oliveira (2005, p. 94.),

A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado. Portanto, apesar de a escolha do método se justificar pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração, como já foi abordado anteriormente, as questões sociais neles presentes.

E é através dessas memórias individuais e coletivas, que os historiadores que trabalham com a história oral constroem sua narrativa sobre a história da cidade, neste caso, de Campina Grande.

No início da década de 1950, Campina Grande contava com três escolas de ensino secundário, o colégio Alfredo Dantas, Colégio Imaculada Conceição- Damas e o colégio Pio XI, todos particulares. As mensalidades dos três colégios eram altas, até mesmo para os estudantes que pertenciam a famílias abastardas da cidade.

Quando o Colégio Estadual de Campina Grande foi fundado no ano de 1953, estendeu-se a oportunidade de estudantes das classes menos favorecidas concluírem o ensino básico e ingressarem ao ensino superior, entretanto, nas primeiras décadas do colégio, não foi isso que aconteceu, o ensino continuou restrito a classe burguesa da cidade, que tiraram os seus alunos das escolas privadas e os matricularam no Estadual.

Em entrevista com a professora Cleonice⁵, ela nos conta sobre o público que frequentava o colégio Estadual da Prata na década de 1950;

Era o seguinte, eu não sei por que... Talvez porque a classe pobre não tivesse tão preocupada ainda em colocar seus filhos na escola, e esses alunos da classe média, como minhas irmãs que estavam num colégio pago, num colégio particular, as famílias sofreram, é... sofriam né com o ônus de pagar aquelas...então botaram, vamos botar no Estadual da Prata. Não é que o colégio exigisse isso, o colégio era aberto, o colégio foi aberto, e entrava e se matriculava, não tinha é... não tinha lista, não tinha nada, só tinha a admissão que era tipo um vestibular, se fazia prova de português e matemática, pra entrar do quinto ano primário para o primeiro ano ginásio, mas a entrada era direto. Agora talvez, talvez, eu nunca tinha me perguntei sobre esse pensamento, mas realmente, se

⁵ Cleonice Agra foi aluna em 1954 professora de matemática em 1968 no colégio Estadual da Prata.

a gente for pegar aquelas coisas, aqueles diários de classe antigos, era a classe média e a classe alta que foi pra lá⁶.

No início de seu relato a professora Cleonice acredita que o fato da maioria dos estudantes do Estadual de Campina Grande ser de classe alta, seria porque os pais dos jovens das classes menos favorecidas não tinham a consciência de que a educação era estendida para seus filhos,

...também porque naquela época não havia essa busca, as classes menos favorecidas, não tinha essa busca pelas escolas, as famílias não atentavam para a escola era o lugar, o espaço onde o filho poderia crescer, não havia essa ideia, eu, é... se eu fosse, se eu tivesse algumas opções, minha opção era essa, porque a família não estava imbuída dos princípios de escola, como a gente tem hoje.

Entretanto, a prova de admissão que a professora Cleonice menciona era um processo seletivo, que de forma indireta, selecionava o público que frequentaria o Colégio Estadual. O professor Fernando que fez a prova de admissão no ano de 1968 nos conta sobre esse processo de seleção,

Que a Prata tem uma coisa, a Prata só estudava lá quem sabia, a maioria quando tava, quando tava no fim do ano quando ia pesar, porque a média era oito, aí corria para o Alfredo Dantas, Pio XI, Damas, o povo chamava naquele tempo de “pagou, passou”, “PP”, mas lá não, lá era quem sabia mesmo, fiz exame de admissão pra entrar lá, primeiro exame de admissão que fiz foi três dias de prova, era prova escrita e prova oral. (...) Matemática, português, geografia e história. (...) Quatro disciplinas em três dias, porque tinha a prova oral e a prova escrita, e todas três eram eliminatórias.

Na pagina virtual administrada pelo professor Fernando, que reúne fotografias, vídeos e documentos sobre o colégio Estadual de Campina Grande, um histórico sobre a primeira seleção de admissão nos tras informações sobre o nível de aprovação do exame. O numero de estudantes do sexo masculino inscritos foram de 35 alunos, apenas 9 alunos foram aprovados, enquanto o numero de estudantes do sexo feminino inscritas foram de 51 sendo 24 alunas aprovadas, somando o total de 86 alunos inscritos, 33 alunos aprovados e 53 alunos reprovados⁷.

Se a prova de admissão era um empecilho para que os estudantes vindos das classes menos favorecidas, que não tiveram uma qualidade de ensino que pudesse aprova-los no exame, impossibilitavam esses jovens de ingressar no ensino secundário, a oportunidade de ingressar no ensino superior se tonava mais distante.

O sistema de ensino de então era, manifestamente, elitista. Somente poucos filhos das classes menos favorecidas tinham acesso ao ensino secundário. É que não podiam frequentar as escolas particulares que

⁶ Entrevista cedida em 23 de maio de 2013.

⁷ <http://www.colegioprata.xpg.com.br/>. Acesso 01 de agosto de 2014.

preparavam o exame de admissão ao ginásio, verdadeiro vestibular, uma barreira pela qual somente passavam os mais inteligentes e os filhos das classes abastadas. Se não é verdade que a existência de um colégio público resolveria o problema do acesso das populações pobres à educação, menos ainda era verdade que a criação de uma Escola Politécnica abria as portas dos cursos superiores para essa clientela. (LIMA. 2010, p. 140)

Estes relatos nos revelam o público que tinha acesso a educação na cidade de Campina Grande entre as décadas de 1950 e 1960. Poucos estudantes tiveram a oportunidade de dar continuidade aos seus estudos, embora o colégio público representasse o crescimento de jovens com o segundo grau completo e a oportunidade de cursar uma escola de nível superior.

Através da História oral é possível recuperar, através das memórias e representações dos entrevistados, como os administradores locais decidiam e tomavam medidas, pensando a educação. O salário do professor nos anos de 1950-60 era considerado “simbólico”, tendo em vista que muitos dos professores, principalmente no Colégio Estadual de Campina Grande, eram profissionais liberais ou religiosos. Nesta época Campina Grande tinha duas escolas religiosas, o Pio XI e o colégio Imaculada Conceição, mais conhecido como Colégio das Damas por ser um colégio para mulheres.

Muitos religiosos ensinaram no colégio Estadual de Campina Grande, entre eles o primeiro diretor do colégio Padre Milton Paiva. Podemos perceber como a influência da religião na educação entre os anos 50 e 60 era forte, assim como a militarização nas escolas. O colégio Alfredo Dantas, fundado pelo Tenente Alfredo Dantas, seguia o modelo de disciplina militar, modelo esse adotado pelo colégio Estadual de Campina Grande.

Além de militares compõem o corpo docente do Colégio estadual de Campina Grande, o modelo de disciplina era muito semelhante a disciplina militar, assim nos relata professor Fernando,

Geralmente cantava o hino nacional antes de entrar, ficava, onde é o teatro hoje era um pátio, aí ficava todo mundo formado lá, cantava o hino nacional e saía andando, turma por turma, pela ordem né, terceiro científico, na hierarquia né, segundo, né, a farda era aqui e o científico era as estrelas, uma estrela primeiro científico, duas o segundo, três o terceiro, era uma estrela verde ou então prateada de metal, e o outro era como na polícia, no exército, o negócio de fita, o primeiro ginásio até o quarto.

O nacionalismo era muito forte nas escolas campinenses, nos eventos cívicos os colégios desfilavam fardados, representando suas escolas e sua nação. A professora Creusolita⁸ nos conta como era o seu sentimento em desfilar nas datas cívicas,

... Olha uma vaidade! Tá certo? Os alunos tinham aquela vaidade de sair no dia 7 de setembro, de ensaiar né, os alunos gostavam, participavam, hoje é uma abstenção muito grande dos colégios nos dias cívicos né, nas

⁸ Creusolita Agra Almeida, aluna em 1953 no Colégio Estadual de Campina Grande.

comemorações cívicas do país. Naquela época não! Nós tínhamos aquele prazer de representar a nossa escola, e lá no Estadual da Prata você ver quantas taças o colégio Estadual ganhou. (...) Olhe, eu nunca perdi nenhum desfile, nem no colégio das Damas, nem do Estadual da Prata, onde eu estudei, eu sempre gostei de está nos desfiles⁹.

A presença dos militares no colégio Estadual da Prata se torna mais forte no período da ditadura militar, da década de 1960. Oficiais do exército assumiam cargos na direção, enquanto seus alunos atuavam ativamente nos movimentos e grêmios estudantis. Em entrevista, o professor Fernando nos conta sobre a participação dos alunos do colégio estadual de Campina Grande nos movimentos sociais no período da Ditadura Militar, na década de 1960.

Contra, era muito movimento, a gente ia fechar os colégios quando tinha greve, tava, o exercito no meio da rua (...) Era também, saia da Prata pra fechar os colégios, que era o maior que tinha.

Através do relato do professor Fernando, que na época de estudante participou, dos grêmios e dos movimentos contra a Ditadura Militar, percebeu que na cidade de Campina Grande houve uma reação contra o regime militar, assim como também houve por parte dos militares, repressão política, fechando escolas, enviando ofícios a direção, impedindo a matrícula de estudantes em qualquer escola na cidade de Campina Grande.

Assim como é possível, através da História Oral reconstituir o cenário político e educacional de uma cidade, as práticas de ensino também podem ser lembradas. Como os professores aplicavam suas avaliações, disciplina, como os professores criavam suas práticas de ensinar e como era o modelo de educação de uma época? A professora Creusolita nos conta como seu professor de História dava suas aulas e aplicava suas avaliações,

Olhe, as aulas de história, eu disse agora a você, a vocês, aliás, que assistíamos a aula no tradicionalismo né, então as aulas de história eram eminentemente tradicionais, mas que nós tínhamos que aprender, porque era assim, toda aula tinha um assunto novo, professor Normando Feitosa era o professor, ele, mar...aquela lição pra gente estudar em casa direitinho né, aí ele tinha a caderneta, ninguém sabia quem ia ser chamado, quando chegava na caderneta, abria a caderneta, hoje é fulano de tal, então fulano de tal tinha que estar preparada, se não tivesse já sabia que ficava com a nota baixa, quando chegasse lá no fim do mês pra fazer a prova, então todo mundo estudava, ele fazia a explicação da aula e explicava a aula, aí dizia, agora, ele antes dizia que ia ser a aula, olha, amanhã a aula vai ser, por exemplo, vai ser capitania hereditária ou a primeira guerra mundial. Então os, olhe o livro e estude, aí quando ele chegava ele fazia aquela preleção que era muito comum, aí vinha a sabatina, que aí ele vinha abrindo pra saber quem estudou, quem não estudou.

Esse relato nos revela como era compreendida pelos sujeitos da época a prática de ensinar. Assim como era compreendido o que era aprender,

⁹ Entrevista concedida em 10 de maio de 2013.

Memorizava mas aprendia né?! (...) Eu não sou da memorização... a fisiologia da audição do professor de ciências, “ as ondas sonoras coletadas pelo pavilhão auricular são encaminhadas a membrana do tímpano e tal e tal”...aí a gente ia procurar saber o que era tímpano, o que era pavilhão auricular, então existia aquela curiosidade, a gente lia, estudava, o comum era a gente estudar os pontos que o professor já ia ditando...

Detalhes como esse, possivelmente não seria encontrado em um documento oficial da época, ou em uma imagem fotográfica, congelando o momento e expressões. Através da história oral, as memórias são revisitadas nos revelando situações simples do dia a dia que nos revela o saber-fazer de uma época, de um grupo,

O oral nos revela o ‘indescritível’, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas ‘muito insignificantes’ –é o mundo da cotidianidade-, ou inconfessáveis, ou porque não impossíveis de transmitir pela escrita. (VEIGA. 2005, p. 97)

CONCLUSÃO

Compreendendo que através da história oral é possível reconstituir parte da história da e da cidade, através dos relatos de memória e das representações dos sujeitos, atores e testemunhas, chegamos à conclusão que a relação dos sujeitos com a cidade, como suas práticas cotidianas e “simplórias” do dia a dia põe a cidade em movimento. O papel da educação para a cidade contribui na construção de sentidos e nos revelam como estes sujeitos organizam socialmente, suas ideologias e como expressam na cidade suas representações de mundo. Experiências que nos revelam mais que as práticas, sensibilidades e representações de um único sujeito, mas de um grupo social ou de uma época.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Creusolita Agra. 10 de maio de 2013. Campina Grande. Entrevista cedida a Nita Keoma Lustosa de Sousa e Antonio Clarindo Barbosa de Souza.

AGRA DO Ó, Cleonice. Depoimento, 23 de maio de 2013. Campina Grande. Entrevista cedida a Nita Keoma Lustosa de Sousa.

AZEVEDO, Fernando. Depoimento, 29 de setembro de 2013. Campina Grande. Entrevista cedida a Nita Keoma Lustosa de Sousa.

BARROS, José D’ Assunção. Cidade e História. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ESTADUAL DR. ELPÍDIO DE ALMEIDA-PRATA. Link disponível em: <http://www.colegioprata.xpg.com.br/>. Acesso: 01 de agosto de 2014.

LIMA, Rômulo de Araújo. A luz que não se apaga. A Escola Politécnica e a formação de um campo científico-tecnológico-Campina Grande: Eduepb, 2010.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e história de vida: usos da história oral. In: Revista da Associação Brasileira de História Oral. v. 8, n.1, p. 91-106, jan.-jun. 2005.

VEIGA, Cynthia Greive. História Política e História da Educação. In História e Historiografia da Educação no Brasil. 1 ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2008. p. 13-47.

VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História e Historiografia da Educação no Brasil. 1 ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2008.